

Marcus Cruz*

RELIGIOSIDADE TARDO ANTIGA E A CRISTIANIZAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

Resumo: O IV século marca um momento decisivo tanto para o cristianismo e a Igreja cristã quanto para o Império Romano, pois verifica-se o processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana. Neste trabalho nosso objetivo é analisar esse fenômeno a partir do surgimento de uma nova religiosidade que cria as condições para o avanço do cristianismo e dos elementos internos da Igreja cristã que permitem a sua expansão neste novo ambiente religioso.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia – Cristianismo – Igreja

Abstract: The IV century is a critical instant for christianity and church is so far as to the Roman Empire because of christianization of the late antiquity Roman society. In that paper our objective is to analyse this appearance to start from emergence of a new religiosity as produce the conditions to increase of the christianity and the internal elements of the Christian Church permit your expansion in this new religious background.

Keywords: Late Antiquity – Christianity – Church

Quand notre monde est devenu chrétien (312-394) (VEYNE,2007) este é o sugestivo título de uma das últimas obras publicadas por Paul Veyne. O problema abordado pelo historiador Frances não é uma temática nova para a historiográfica, porém mantém sua atualidade e importância, obrigando-nos a voltarmos a nos debruçarmos sobre ele.

No presente texto nosso objetivo é discutir e analisar a questão da cristianização da sociedade tardo antiga romana a partir de dois aspectos fundamentais por um lado a constituição de um novo ambiente religioso, que denominamos de religiosidade tardo antiga, que cria as condições para a expansão da religião cristã no âmbito do mundo mediterrâneo do IV século e de outro os fatores internos da Igreja cristã que permitiram a esta aproveitar essas condições para concretizar o seu crescimento.

* Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do VIVARIUM - Laboratório de Estudos da Antigüidade e Medieval. Presidente da Associação Brasileira de Estudos Medievais. Email: marcusacruz@uol.com.br

Nossa perspectiva de análise da problemática da cristianização da sociedade tardo antiga romana portanto busca explicar este processo a partir da confluência entre a emergência de uma nova religiosidade e as condições interna da Igreja cristã.

A “crise do III século” e o surgimento da religiosidade tardo antiga

A religiosidade que caracteriza o mundo tardo antigo romano tem suas origens no século III d.C., mais especificamente no período que a historiografia denomina de “crise do III século”. (REMONDON, 1997)

Em nossa perspectiva de análise esta “crise” representa um momento de ruptura, de transformação, no qual as estruturas clássicas são paulatinamente substituídas por novas estruturas que resistimos a chamar de medievais e que marcam o nascimento de uma nova etapa do devir histórico, isto é, a Antiguidade Tardia. (O’DONNELL, 2004: 203-213; MARCONE, 2008: 4-19; ANDO, 2008: 31-60)

No seio destas transformações uma reveste-se de um especial interesse em nosso estudo, ou seja, as mudanças ocorridas na religiosidade, pois é neste novo ambiente religioso, originado no III século, que o cristianismo, na centúria seguinte, tornar-se-á hegemônico na sociedade tardo romana.

Franz Georg Maier afirma que: “Esta situación [de crise e transformações profundas] debió producir um ‘shock’ en la mentalidad de extensas zonas de La población imperial”. (MAIER,1972:20) Este “shock” é um elemento fundamental importância, ainda que não seja o único, no processo de constituição da sensibilidade religiosa tardo antiga.

Devido a sua importância na construção da religiosidade da Antiguidade Tardia, é preciso nos determos em um análise acerca da “crise do III século”, especialmente naqueles aspectos concernentes às transformações de ordem mental e religiosa.

Percebe-se claramente nos testemunhos dos homens deste momento, um sentimento de ruptura, de que uma época havia se passado, de que se assistia a importantes mudanças em todos os âmbitos da existência humana. Observa-se uma certa percepção, por parte dos romanos do III século, de que aquela crise marca o fim de

uma época, como podemos perceber nesta passagem dos escritos de Cipriano, bispo de Cartago:

A este propósito tu, que ignoras el plan divino y la verdad, debes saber en primer lugar que el mundo ha entrado ya en su senectud, que no se mantiene con aquellas fuerzas que tenía antes ni con aquel vigor y firmeza con que había florecido anteriormente. El mismo mundo lo está, aunque no lo digamos nosotros; no alegaremos autoridades y predicciones de la Sagrada Escritura, pues la decadencia de las cosas prueba que se aproxima a su ocaso. En el invierno no llueve tanto para la germinación de las semillas, en el estio no hay el calor de antes para madurar los frutos, ni en primavera están risueños los sembrados por el buen clima, ni están tan fecundos los árboles en el otoño. No se sacan se las canteras removidas y agotadas tantos mármoles, no dan tanta plata y oro las minas exhaustas, y, cada día más depauperadas, tienen menos venas. En los campos disminuyen los labradores, en los mares los marinos, en los campamentos los soldados; no hay inocentes en los tribunales, ni justicia en las causas, ni unión entre los amigos ni habilidad en las artes, ni orden en las costumbres. Crees tú acaso que puede haber en una cosa que declina a su vejez tanta fuerza como pudo tener en su vigorosa juventud? Necesariamente debe ir acabándose lo que se acerca a su fin y tiende a su muerte...Este es el destino marcado al universo, ésta es la ley, que todo lo que nace debe morir, que lo que crece debe decrecer y lo robusto debe debilitarse, y lo grande ha de reducirse, y todo lo que así fuere decayendo y disminuyendo se acabe. (CIPRIANO,1964: .275-276)

Nesta crise, como afirmamos anteriormente, o aspecto religioso assume uma importância fundamental. Para Peter Brown nada demonstra melhor o irrefutável fato de que a vida nos moldes e critérios clássicos havia se tornado intolerável, em decorrência das transformações produzidas ao longo do III século, do que o desenvolvimento e consolidação na sociedade tardo romana de um certo conjunto de crenças. (BROWN, 1984: 1-20)

Como afirma Eric Robertson Dodds o mundo romano passa por um período de insegurança, por uma época de angústia, na qual os problemas de ordem material acentuaram o ritmo das transformações religiosas. Ocorre então uma redistribuição, um reordenamento de elementos religiosos presentes há muitos séculos na bacia do mar Mediterrâneo.

Este reorganização dos elementos religiosos torna algumas crenças, até então restritas a certos grupos e/ou regiões, em fatores hegemônicos e constitutivos de uma nova sensibilidade religiosa que caracterizará a Antiguidade Tardia.

Os elementos característicos da religiosidade tardo antiga

O surgimento de uma nova religiosidade que atribui um caráter peculiar e único ao mundo tardo antigo romano, não deve ser analisado como sendo o resultado da introdução de novos elementos, que após um lento acumular irrompem repentinamente no imaginário do homem mediterrâneo da Antiguidade Tardia.

A abordagem deste fenômeno deve ser realizada a partir da perspectiva que valoriza os conceitos de “agitação e/ou abalo” como mais eficazes no estudo das transformações religiosas deste momento do que o conceito de “irrupção”. . (BROWN, 1984: 32)

Assim sendo a melhor maneira de analisar essas mudanças ocorridas no espaço mediterrâneo é identifica-las como um redistribuição e uma nova organização de elementos presentes há muitos séculos na região.

No entanto, apesar de não possuir elementos originais a religiosidade tardo antiga romana é nova. Em primeiro lugar porque a organização desses elementos ocorre de uma maneira diferente e diversa da religiosidade clássica. Fatores anteriormente hegemônicos perdem importância, enquanto outros secundários convertem-se em primordiais, pois como afirma Frederic Jameson:

Devo limitar-me à sugestão de que as rupturas radicais entre períodos geralmente não envolvem mudanças completas de conteúdo, mas, antes, a reestruturação de um certo número de elementos já dados: traços subordinados, tornam-se dominantes, e traços que tinham sido dominantes, por sua vez, tornam-se secundários. (JAMESON, 1993: 41)

Em segundo lugar a religiosidade tardo romana é nova porque encontra-se no bojo de uma nova etapa do devir histórico, isto é a Antiguidade Tardia que apresenta inovações e originalidade nas mais diversas estruturas, sejam elas sociais, políticas, econômicas, religiosas ou culturais.

As transformações na religiosidade não podem, no entanto, ser analisadas como puras reações diante dos problemas políticos, econômicos, sociais e militares

enfrentados pelo mundo romano. Os elementos explicativos de tais mudanças devem ser buscados em zonas mais íntimas, na longa duração, nos lentos movimentos da vida religiosa da cidade, da família e dos pequenos grupos. Deste modo adquire-se um senso mais agudo acerca das reações às modificações religiosas no seio de uma sociedade profundamente enraizada na tradição como a tardo antiga romana. (BROWN, 1995)

O primeiro elemento a ser analisado acerca da religiosidade tardo romana é a importância crescente que adquirem os problemas religiosos. A partir de então as questões referentes à religião assumem um lugar de destaque, um papel primordial na vida dos homens da Antiguidade Tardia, como demonstra esta passagem de Gregório de Nissa, acerca de Constantinopla:

A cidade esta cheia de gente, que dizem coisas inteligíveis e incompreensíveis pelas ruas, mercados, praças e cruzamentos. Quando vou a tenda e pergunto quanto tenho que pagar, me respondem, com um discurso sobre o Filho engendrado ou não do Pai. Quando pergunto em uma padaria pelo preço do pão, me responde o padeiro que, sem lugar a dúvidas, o Pai é maior que o Filho. Quando pergunto nas termas se posso tomar um banho, tenta demonstra-me o banhador que com toda a certeza o Filho surgiu do nada. (GREGÓRIO DE NISSA, 1956: v.47, 558)

A passagem acima de Gregório de Nissa mostra, em primeiro lugar, que as discussões religiosas, e no caso podemos dizer teológicas, não estavam restritas a uma elite de intelectuais, mas eram debatidas pelo homem comum, nas ruas, como uma atividade cotidiana e principalmente como uma questão palpitante e polêmica, sobre a qual todos deveriam se posicionar. Tal fato demonstra a importância que os problemas religiosos assumem na sociedade tardo romana.

É relevante ressaltar também, que durante a Antiguidade Tardia o debate acerca das questões religiosas é mais frequente e profundo do que poderíamos imaginar. Na verdade a religião fornece, para este momento, uma linguagem comum para as discussões e os debates acessível a todos. Esta função desempenhada pela religião demonstra, por seu turno, a crescente importância pelas questões ligadas à religiosidade na estrutura social tardo romana.

Por outro lado, seria errôneo pensar que esta preocupação com as questões religiosas fosse exclusiva dos cristãos (já que Gregório de Nissa é um cristão e a polêmica a qual ele faz referência na passagem citada e a controvérsia ariana).

pagãos compartilhavam das mesmas preocupações, pois o ambiente religioso era idêntico para ambos os grupos como afirma Henri Marrou: “(...) la diferencia entre paganos y cristianos de la Antigüedad Tardía estaba en la verdad de sus respectivas elecciones, pero hay coincidencias en la actitud ante la concepción general de la vida, del hombre y del mundo.” (MARROU, 1980: 45)

Outro elemento constitutivo da religiosidade tardo romana é o crescimento da crença no sobrenatural e de sua presença na vida dos homens, isto é para o imaginário da Antigüedad Tardía o mundo visível era uma realidade tão concreta quanto o mundo invisível.

A sociedade tardo antiga estava permeada pela crença de que o universo era partilhado por seres invisíveis, mais poderosos do que os homens e com os quais estes tinham que manter relações, que eram encaradas como uma obrigação inevitável. Como demonstra o testamento de uma cristã egípcia que distribuiu seus bens entre beneficiários visíveis e invisíveis, acreditando estar cumprindo o seu dever de ser humano. (WIPSZYNCKA, 1972: 30)

Os homens da Antigüedad Tardía julgavam ser “servos de Deus”, recorrendo constantemente ao sobrenatural em busca de orientação e auxílio em uma época marcada pela insegurança e pela incerteza. Neste momento a vida humana torna-se um campo de batalha para a luta entre as forças invisíveis maléficas e benéficas, a noção de pecado amplia-se, pois é entendido não somente como o erro, mas também é entendido como deixar-se levar pelas forças do mal.

O papel desempenhado pelos demônios no imaginário da sociedade tardo antiga demonstra o crescimento da presença e da crença no sobrenatural. A partir de então as doenças deixam de ser oriundas da desarmonia dos humores corporais e passam a ser fruto da ação dos demônios. Como afirma Peter Brown: “Daqui a revelação crucial destes dois séculos (III e IV séculos): o aparecimento dos demônios, forças ativas do mal, contra as quais os homens tinham que lutar.” (BROWN, 1972: 34)

O problema dos demônios não se restringe a uma questão apenas de cunho religioso, pois estes agentes do mal introduzem um elemento de constante indeterminação na estável estrutura das esferas celestes concebidas pelos clérigos, isto

é, os demônios introduzem no mundo invisível todas as indeterminações e tensões existentes no mundo visível . Em outras palavras estamos diante de um evidente paralelismo entre a estrutura religiosa e a estrutura social, na medida que ambas compartilham um mesmo código que organiza e expressa as suas manifestações.

Por outro lado, podemos observar um novo paralelo, ou melhor uma nova mútua interdependência entre a religiosidade e a sociedade nas relações sociais e de poder existentes no sobrenatural que reproduzem os modelos de dominação e de dependência existentes na sociedade tardo antiga, ou seja, o mundo celeste configura-se como uma reprodução das relações sociais e de poder vividas no mundo terreno, e estas encontram sua legitimação nestas origens sobrenaturais. (BROWN, 1984:18-19)

O terceiro elemento constitutivo da religiosidade tardo romana é a concepção acerca da divindade que torna-se hegemônica. A partir de então Deus passa a ser entendido como sendo único, absoluto, eterno, onipresente, porém, principalmente, é percebido como um Deus pessoal que inspira não somente adoração, mas também amor, porque Ele próprio possui amor e misericórdia, ou seja é um “philanthrôpos”. (MARROU, 1980: 29-52)

Esta concepção acerca da divindade é essencialmente uma contribuição do pensamento semítico oriental, especialmente da teologia judaica, na qual o antecedente mais antigo do monoteísmo encontra-se na religião de Abraão.

Certamente que em meios pagãos tradicionais o politeísmo continua a existir, mas apresenta um caráter arcaico, tanto por sua persistência junto aos camponeses iletrados quanto devido ao formalismo das elites aristocráticas, e mesmo nestes focos de resistência o monoteísmo penetra através de um duplo esforço de interpretação:

- a) Assimilação – ou seja a identificação por equivalência, na qual sob diversas denominações um mesmo Deus esta em todas as partes.
- b) Hierarquização – estabelece-se entre as distintas divindades uma ordenação hierárquica que as subordina ao Deus supremo.

É preciso ressaltar, no entanto, que a concepção de um Deus único não era uma exclusividade judaica-cristã, encontrava-se espalhada por todas as tendências religiosas

existentes na Antiguidade Tardia, evidentemente com matizes diferenciados entre os diversos grupos e doutrinas.

Não podemos deixar de salientar, mais uma vez a íntima relação entre a estrutura social e a religiosa, que podemos perceber neste aspecto da religiosidade tardo antiga romana, ou seja o desenvolvimento e consolidação da concepção monoteísta da divindade e simultaneamente a centralização do poder na figura do imperador, com a constituição de uma verdadeira monarquia no Baixo Império. (MODÉLAN, 2006).

O último aspecto a ser destacado da religiosidade tardo romana é a importância crescente que adquirem as questões ligadas a salvação e a vida após a morte.

A preocupação dos homens volta-se para a outra vida, que é entendida como sendo feliz e bem-aventurada, desde que se consiga obtê-la através da salvação. É significativo que a palavra latina “salus” que designa para os romanos antigos a saúde física, passe a ser utilizada pelos autores cristãos para denominar a salvação eterna.

A “brevis lux” da qual nos fala Catulo é substituída pela “lux perpetua” como o aspecto mais real e mais importante da existência humana. Por isso o lugar central que a questão da salvação assume para os homens do mundo antigo romano. (MARROU, 1980: 52)

Em uma sociedade em que as tensões sociais se acumulam, onde a mobilidade é reduzida, marcada por uma profunda hierarquização e concentração da riqueza, onde o estado tem por objetivo primordial a sua própria sobrevivência, a esperança em uma vida post-mortem feliz e bem-aventurada apresenta-se como uma solução bastante atrativa para as angústias e necessidades do homem tardo romano.

Este conjunto de elementos, que sucintamente discutimos acima, tornam-se hegemônicos a partir do III século e ao longo da Antiguidade Tardia e constituem a religiosidade tardo antiga romana. Este ambiente religioso é comum a todas as doutrinas, seitas e igrejas existente neste momento histórico. O que nos permite refazer a nossa questão primordial neste texto, ou seja, como explicar a cristianização do sociedade tardo antiga romana.

Por um lado, é claro que o cristianismo e a Igreja cristã foram favorecidos por uma religiosidade que se coadunava com a sua doutrina e preceitos, mas este aspecto

não é capaz de explicar, por si só, o processo de conversão do mundo tardo antigo romano. A este fator precisamos agregar os elementos oriundos da lógica interna da Igreja.

A Igreja cristã no IV século

Os anos iniciais do IV século são um momento decisivo na história do cristianismo, em decorrência de dois fenômenos fundamentais. Em primeiro lugar a religião cristã experimenta a última e mais violenta perseguição de sua história, aquela movida por Diocleciano. Se busca el día favorable y propicio y resulta elegida la fiesta de las Terminales, que se celebra el 23 de febrero, como si con ello se quisiese poner término a nuestra religión. Aquel día fue la causa primera de la muerte, la causa primera de los males que se abatieron sobre ellos y sobre todo el orbe de la tierra. Al amanecer de este día ejercían, a la sazón el consulado ambos ancianos, el uno por octava vez, el otro por séptima vez, - cuando la luz era aún tenue se presentó de improviso en la iglesia el prefecto acompañado de los jefes y tribunos militares y de los funcionarios des fisco. Arracan las puertas y buscan la imagen de Dios; descubren y queman las Escrituras; se les permite a todos hacer botín; hay pillajes, agitación, carreras.

Mientras tanto, los dos emperadores desde un lugar estratégico – pues al estar la iglesia en un lugar elevado era visible desde palacio – discutían entre sí largamente si sería preferible prender fuego a la iglesia. Se impuso el parecer de Diocleciano, temeroso de que, al provocar un gran incendio, ardiese también alguna parte de la ciudad, pues la iglesia estaba rodeada por todas las partes de numerosos y grandes edificios. Así pues, se presentaron los pretorianos formados en escuadrón, provistos de hechas y otras herramientas y, acometiéndolo por todas partes, en pocas horas arrasaron hasta el nivel del suelo este soberbio templo.

Al día siguiente se publicó un Edicto en el que se estipulaba que las personas que profesasen esa religión fuesen privadas de todo honor y de toda dignidad y que fuesen sometidas a tormentos, cualquiera que fuese su condición y categoría; fuese cualquier acción judicial contra ellos, al tiempo que ellos no podrían querellarse por injurias, adulterio o robo; en una palabra, se les privaba de la libertad y de la palabra. Cierta persona, dando muestras de gran valentía, aunque de poca prudencia, arrancó este Edicto y lo rompió, al tiempo que decía entre burlas que se trataba de victorias sobre godos y sármatas. Al punto fue detenido y no sólo torturado, sino cocido lentamente, como mandan los cánones. Lo suportó con admirable paciencia, y por último fue quemado. (LACTANCIO, 1982: XII,2-3).

Lactâncio na sua obra “Sobre la muerte de los perseguidores” nos fornece as seguintes notícias acerca da perseguição de Diocleciano:

Por outro lado a Igreja após a conversão de Constantino recebe a proteção e o benefício do estado romano. Em outras palavras, a Igreja cristã, neste momento, transforma-se de um corpo estranho na estrutura imperial em um dos elementos mais ativos do Império.

É preciso salientar, no entanto, que este processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana não se apresenta como um fenômeno ininterrupto, linear e que se explica exclusivamente pela atuação dos imperadores romanos em favor do cristianismo.

Observamos, pelo contrário, um processo que é multifacetado e, portanto, complexo, no qual interagem uma gama variada de fatores, que no seu conjunto possibilitam a compreensão deste fenômeno.

Em nossa abordagem destacamos alguns elementos, cuja análise, permite-nos compreender a cristianização da sociedade tardo antiga romana.

Em primeiro lugar devemos considerar o apoio dos imperadores ao cristianismo. Este favorecimento permite a Igreja cristã assumir uma posição de destaque no seio da sociedade tardo antiga romana, seja em termos econômicos e sociais, seja em termos jurídicos e políticos. (MACMULLEN, 1984: 43-51).

Um segundo aspecto, também muito relevante na compreensão do fenômeno em questão, é a organização e o papel desempenhado pela Igreja. (DANIÉLOU e MARROU, 1984: 251-253) Por um lado a Igreja cristã construiu uma organização hierárquica que se espalhava por todo o Império, servindo assim de sustentáculo e agente incentivador da expansão do cristianismo. Por outro lado o clero buscou, e conseguiu com relativo sucesso, monopolizar a relação com o sagrado, ou seja, tornou-se o intermediário por excelência entre Deus e os homens.

O terceiro elemento a ser destacado é o trabalho da intelectualidade cristã que foi capaz de tornar a mensagem evangélica compatível com os diversos grupos sociais que compunham a sociedade tardo antiga romana. (AUERBACH, 1965: 45-53).

Em síntese os pensadores cristãos adequaram e adaptaram o discurso bíblico aos diferentes públicos a que se dirigiam, desde o simples camponês até as elites culturais romanas.

Este esforço da intelectualidade cristã em adequar a mensagem evangélica aos diversos grupos da sociedade tardo antiga traz consigo a penetração de elementos oriundos da herança cultural romana no cristianismo. Este influxo acarreta grandes transformações no cristianismo, que por seu turno, possibilita a aceitação deste pelo mundo mediterrâneo do IV século.

É preciso ressaltarmos, porém, que nenhum destes elementos explica por si só o triunfo da Igreja nem a cristianização da sociedade tardo antiga romana. No entanto, o conjunto deste fatores nos possibilita a compreensão do fenômeno que estamos abordando.

Um das manifestações mais importantes que resultam deste processo é a expressiva expansão sociológica do cristianismo. Este deixa de ser uma religião de grupos marginalizados pela sociedade imperial romana para estabelecer-se firmemente entre magistrados, governadores, na corte imperial e mesmo na família dos imperadores. Em síntese, a religião cristã atinge de modo cada vez mais intenso as elites da sociedade tardo antiga romana.

É errôneo pensar que nos primeiros séculos de seu desenvolvimento o cristianismo estivesse restrito, como afirma certa historiografia, aos grupos inferiores da sociedade imperial romana. (GIBBON, 1989. DONINI, 1988). No entanto, a penetração da religião nas camadas dirigentes daquela estrutura social é bastante restrito.

Esta difusão entre os grupos dirigentes do Baixo Império é de extrema importância para a compreensão do processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana, pois estes novos adeptos de origem aristocrática trouxeram consigo, para o seio da comunidade cristã, um conjunto de idéias, comportamentos e costumes, que podemos denominar de Paidéia, que se coadunavam de modo mais harmônico com as concepções das autoridades romana. Na medida que estas ou pertenciam ao mesmo grupo social dos cristãos, ou já eram elas mesmas adeptas do cristianismo.

O estado romano sempre havia desconfiado e mostrado receio frente às religiões e superstições que, dentro de seus parâmetros e concepções, perturbam o espírito dos homens. A princípio o cristianismo era, para o poder imperial, uma fé oriental, exaltada e mística, completamente estranha à religião romana tradicional, pois sequer possuía um

deus figurado ou mesmo um templo. A religião cristã era na opinião de Plínio “(...)supertition méchant et démesuré.” (PLÍNIO, 1836: Ep.X).

A conversão de membros da elite dirigente romana acaba por modificar esta concepção do estado imperial acerca do cristianismo, na medida que este passa apresentar-se como um possível aliado do Império.

A situação da Igreja no IV século demonstra que o cristianismo já havia penetrado tão profundamente na sociedade tardo antiga romana, encontrando-se fortemente enraizado nesta estrutura social, que a violência, contra ela na forma das antigas perseguições, não seria mais capaz de resolver o problema da relação da religião cristã e o estado romano, ou seja esta problemática teria de ser colocada em outros termos, o que ocorrerá com as medidas de tolerância e a liberdade de culto emanadas dos imperadores.

A partir da liberdade de culto, mas principalmente com o favorecimento dos imperadores, uma nova etapa da história do cristianismo abre-se, na qual os obstáculos a sua expansão são retirados, por conseguinte as conversões multiplicam-se. Em suma, a política imperial cria as condições que permitem a cristianização da sociedade tardo antiga romana, mas não explicam o fenômeno em sua totalidade.

Este estreitamento da vinculação entre a comunidade cristã e o poder imperial se consolida no período final do reinado de Constantino com a tendência de união da Igreja com o estado romano, passando o paganismo a uma condição de marginalização em relação a religião cristã, processo este que conta com a conivência e mesmo a ajuda do Império. (CHAUVIN, 1990). Este processo atinge seu desenlace final durante o reinado de Teodósio, com o Édito de Tessalônica (380), através do qual o cristianismo torna-se religião oficial do Império. (GUERRAS, 1992: 155-160).

Em linhas gerais podemos afirmar que o cristianismo, na sua fase pós-constantiniana, torna-se um elemento da ordem imperial, isto é a aliança estabelecida entre as autoridades eclesiásticas e os imperadores marcam e dominam a Antiguidade Tardia.

Este estreitamento da ligação da Igreja com o estado romano beneficia de modo bastante acentuado o processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana. No

entanto, acarreta também problemas para as autoridades cristãs, principalmente no que concerne à perda de uma certa independência que conduz ao surgimento de uma crise espiritual definida deste modo por Jerônimo: “A Igreja aceitou em seu seio os príncipes e assim, evidentemente, ganhou poder e riqueza, no entanto, perdeu força interior.” (JERONIMO, 1863:55)

Quanto ao estado romano, ele busca na religião cristã um elemento de unidade para o Império e de sustentação de seu sistema político. No entanto, as disputas internas da Igreja e as querelas doutrinárias e dogmáticas que propiciam em muitas oportunidades a intervenção do Império em assuntos eclesiásticos acabam por contribuir para debilitar a força e o poder imperial, na medida que as autoridades acabam por tomar partido de uma ou outra corrente, transformando a querela religiosa em um fator de desequilíbrio do sistema imperial.

As inúmeras intervenções, muitas delas solicitadas pela comunidade cristã, do poder imperial em assuntos eclesiásticos, ao lado das numerosas constituições imperiais relativas à disciplina ou tornando obrigatórias como leis do estado determinações eclesiásticas, demonstram o grau de estreitamento das relações entre a Igreja e o Império. O recurso ao braço secular ainda que necessário não estava isento de riscos para a Igreja, pois permite ao imperador intervir em domínio nos quais não tinha competência, como também o Império procura impor, desta forma o seu poder sobre a Igreja.

Um exemplo deste fenômeno podemos observar durante a crise ariana. Constantino importa-se pouco com as discussões teológicas. O seu interesse é que as divergências surgidas no seio da Igreja não ameçassem sua política de restauração do estado e a segurança das fronteiras. O recurso da convocação do concílio foi uma atitude que visava garantir a unidade da Igreja e assim afastar problemas para a política imperial. O Concílio de Nicéia, convocado em 325, pode não ter resolvido a questão ariana, mas lançou as bases para a intervenção estatal nos assuntos eclesiásticos de modo cada vez mais forte e definida. (JONES, 2003: 129-144.)

Desta forma a Igreja cristã, a partir do IV século, encontra-se solidamente estabelecida no mundo romano, com um número crescente de adeptos e engajada em um amplo diálogo com os poderes seculares. Torna-se assim, não somente uma

comunidade em busca da salvação, mas também um corpo de poder no bojo da sociedade tardo antiga romana, apesar dos perigos que poderiam derivar desta atitude.

Esta situação exigiu por parte da Igreja um esforço no sentido de uma maior e melhor organização institucional, que por sua vez fornece as condições estruturais para a expansão do cristianismo. (BROX, 1986: 105-173). Em outros termos estamos diante de um processo interdependente, isto é, o crescimento do cristianismo requer um aperfeiçoamento institucional da Igreja, que por sua vez sustenta e dinamiza a difusão da religião cristã.

Um claro indício do desenvolvimento da organização eclesiástica é o crescimento do número de bispados. Na península itálica ao longo do IV século as sedes episcopais passam de cinco ou seis para cerca de cinquenta. Nas Gálias verifica-se a mesma expansão de vinte e dois bispados para algo em torno de setenta. Em termos gerais, neste momento para o todo o território imperial há cerca de mil e setecentos bispos. (DANIÉLOU e MARROU, 1984: 290-298)

Além deste crescimento numérico devemos ressaltar que a estrutura eclesiástica a partir de então passa a abarcar todas as províncias imperiais enraizando-se profundamente na sociedade tardo antiga romana.

Um segundo indício do aperfeiçoamento institucional da Igreja verifica-se no desenvolvimento da liturgia que se por um lado faz progredir a organização eclesiástica, por outro fortalece a disciplina interna da comunidade cristã. (BROX, 1986: 140-143)

Neste processo de expansão e aumento da complexidade da organização eclesiástica os concílios, sejam os de caráter ecumênico ou os de alcance provincial, desempenharam um papel fundamental, promulgando cânones, que lançam as bases do direito canônico, acerca do recrutamento do clero, hierarquia eclesiástica ou administração dos sacramentos.

A progressiva interação da Igreja com o Império no decorrer do IV século, por um lado e o desenvolvimento institucional eclesiástico por outro faz com que a Igreja assumira a estrutura administrativa baixo imperial como modelo para a construção de sua organização, chegando mesmo a constituir-se como um dos ramos da burocracia estatal.

Dois exemplos demonstram a influência do modelo organizacional baixo imperial nas instituições eclesiais no IV século. Em primeiro lugar a adoção da diocese como marco administrativo, e também o surgimento dos metropolitanos, cujo campo de ação coincide com o da província romana.

No entanto, a principal influência da estrutura imperial no processo de desenvolvimento da organização é o princípio que norteia e caracteriza, não somente este fenômeno, mas toda a sociedade tardo antiga romana, isto é a concentração e a centralização de poder que se manifesta através do crescimento da hierarquização no seio da Igreja e no aumento de prestígio do sacerdócio, em suma no triunfo de uma concepção monárquica de Igreja.

O crescimento da hierarquização realiza-se em favor do bispo que procura monopolizar a liderança da comunidade em termos materiais e espirituais. Por outro lado a eleição deste que cabia à comunidade passa a ser realizada pelo clero local ou pelos bispos da região. Esses dois fenômenos demonstram não somente a progressiva hierarquização da Igreja, como também o aumento do poder do elemento sacerdotal.

O crescimento do prestígio do sacerdote é fruto também do estabelecimento, neste momento, de uma clara e nítida diferenciação entre o clero e os fiéis. A idéia de separação de um grupo específico dentro da comunidade cristã, em virtude de seu estilo de vida, é algo estranho no cristianismo primitivo. (BROX, 1971:825-839). Esta divisão entre o cumprimento estrito dos preceitos evangélicos por parte do clero e o apego genérico às práticas devocionais por parte dos fiéis é uma característica que afirma-se ao longo do IV século.

Eusébio de Cesaréia, em um texto denominado “A Demonstração Evangélica” afirma existir duas regras de conduta cristã, uma para quem aspira as tarefas árduas, isto é o clero, e outra para aqueles que estão adequados aos costumes da existência de todos os dias, ou seja, o restante dos fiéis. (EUSEBIO DE CESARÉIA, 1853:v.XXII)

Esta distinção entre clero e fiéis é, sem dúvida, resultado da expansão do cristianismo e do aumento do número de crentes, assim como da hierarquização e da concentração de poder no elemento eclesial, mas permite um forte desenvolvimento do prestígio e do poder sacerdotal, a tal ponto de consolidar-se a idéia de que não há

salvação fora da Igreja, cabendo ao fiel a total submissão às diretrizes e à doutrina emanada da Igreja, explicitada pelo bispo e pelo restante do clero.

É impossível deixar de notar que este processo de crescimento organizacional da Igreja, caracterizado pela hierarquização do clero e pelo aumento do prestígio sacerdotal, ocorre paralela e concomitantemente com a hierarquização da sociedade romana e com a centralização do poder na figura do imperador. Em suma a Igreja, a sociedade tardo antiga romana e o estado imperial compartilham um ambiente que possui como princípios a hierarquização e a concentração do poder.

É importante destacar também que no processo de cristianismo, de expansão da Igreja, e de desenvolvimento institucional eclesiástico a religião cristã necessitou adaptar-se a diversos e diferentes públicos, desde os grupos mais rudes e depauperados até os intelectuais, reformulando seu discurso diante das demandas específicas de cada grupo.

Esta capacidade cristã de expressar as tendências do mundo antigo, sem excluir nenhuma, harmonizando-as e regulando-as de modo as ajusta-las aos diversos grupos da sociedade tardo antiga romana constitui-se em um importante fator para a compreensão do processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana.

Esta tarefa de adaptação da mensagem evangélica aos diversos públicos do mundo mediterrâneo foi realizada pela intelectualidade cristã, que portanto, desempenhava um papel destacado no processo que estamos analisando.

A intelectualidade cristã no seu esforço de difundir a mensagem evangélica acaba por torna-se um dos elementos culturais mais destacados no IV século, especialmente por construir uma Paidéia cristã, que por sua vez possui suas bases na cultura romana.

Em outras palavras a intelectualidade cristã utiliza-se da herança cultural romana na elaboração de seu discurso evangelizador, e não poderia ser diferente, pois os grupos a serem convertidos estavam inseridos nesta tradição. Deste modo a tradição e a cultura pagã é colocado a serviço do cristianismo.

Para tanto a religião cristã necessitou incorporar não somente o ensino e a educação pagã, mas também os moldes e parâmetros da cultura clássica. A exegese, por exemplo, utiliza as mesmas técnicas gramaticais para explicar os poetas clássicos e para analisar as Escrituras. (MERGERIE, 1980).

Este diálogo com a cultura clássica acaba por acarretar profundas transformações na doutrina cristã. Em outras palavras, o cristianismo que espalha-se pela sociedade tardo antiga romana difere profundamente da religião vivenciada nas comunidades primitivas.

A doutrina cristã passa a ser formulada e pensada sob a égide do pensamento filosófico clássico. O exemplo da escola de Alexandria, com os seus expoentes Clemente e Orígenes demonstram a importância deste legado para o cristianismo, que com esses autores passa a ser profundamente influenciada pela filosofia. (FRAILE, 1975: 118-141).

Estas influências são importantes, na medida que os pressupostos da cultura clássica haviam penetrado profundamente na mentalidade do homem da Antiguidade Tardia, sendo aceitos como verdade. Isto significa que qualquer religião que buscasse converter esta sociedade deveria necessariamente incorporar este legado para atingir seu objetivo e é o que ocorre com a religião cristã.

Considerações finais

A religiosidade da Antiguidade Tardia caracteriza-se pela crescente importância do problema religioso, pelo aumento da presença do sobrenatural na vida dos homens, pelo monoteísmo e pela idéia de salvação. Neste contexto religioso o cristianismo apresenta-se como uma religião de um único Deus, que promete a vida eterna bem-aventurada e feliz, e onde as forças invisíveis atuam de maneira decisiva. Perfeitamente adequado, portanto, para satisfazer as necessidades espirituais do homem tardo antigo romano.

Neste momento, ou seja durante a Antiguidade Tardia, os homens do Mediterrâneo em número e entusiasmo crescente passaram a aceitar que o poder divino não se encontrava mais em indivíduos comuns através da revelação ou nas instituições religiosas estabelecidas na época clássica. A partir de então o poder divino estava

representado na terra por um número restrito de agentes humanos que haviam recebido o privilégio de comandar a ação do poder divino entre os homens, devido a sua ligação com o sobrenatural, relação claramente percebida e aceita pelos outros crentes.

A organização e a capacidade de criar, de produzir “heróis” torna a Igreja a grande beneficiária desta focalização do poder divino. Ao longo da Antiguidade Tardia a hierarquia eclesiástica e os santos cristãos tornaram-se o elo, por excelência, de ligação entre o mundo celeste e o mundo terreno.

As hagiografias que marcam e caracterizam a literatura da Antiguidade Tardia centralizam em um única pessoa o poder divino que na religiosidade clássica encontrava-se difuso por todo o grupo de crentes. Estes escolhidos estão separados da sociedade e em um estado superior em decorrência de sua proximidade com o sobrenatural.

É diante deste quadro que o processo de cristianização da sociedade tardo antiga romana deve ser analisado, ou seja no seio de um universo religioso, no qual os homens aceitam investir poderes quase ilimitados em certos membros da sociedade em decorrência da ligação mais estrita que este grupo com o sobrenatural, com o divino.

Em suma, o processo que se verifica ao longo do IV século e que redundando na cristianização da sociedade tardo antiga romana apresenta, portanto, elementos, dentre os quais destacamos alguns que interligados e influenciados mutuamente permitem a compreensão deste fenômeno. Estes fatores são, a saber:

- o surgimento da religiosidade tardo antiga romana que cria as condições para a expansão do cristianismo
- a política religiosa estatal de apoio ao cristianismo e a sua Igreja;
- o desenvolvimento e consolidação da organização interna da Igreja;
- o labor dos pensadores cristãos na adequação da mensagem evangélica aos diferentes grupos da sociedade tardo antiga romana.

O processo de cristianização do Império Romano ao longo do IV século é um fenômeno complexo e que somente pode ser explicado e entendido em sua multiplicidade abordando tanto o universo cultural e religioso deste momento como

também as condições internas da Igreja e as transformações vivenciadas pela sociedade tardo antiga.

Fontes

CIPRIANO. *Ad Demetrianum*. IN CIPRIANO. **Obras de San Cipriano**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.

GREGORIO DE NISA. *Oratio de Deitate Filli ET Spiritus Sancti* IN MIGNE, Jacques Paul. **Patrologia Græca**. v.47.

JERONIMO. *Vita Malchi*. IN MIGNE, J.P. **Patrologia Latina**. v.33.

LACTANCIO. **Sobre La muerte de los perseguidores**. Madrid: Gredos, 1982. XII, 2-3.

PLINIO, o jovem. **Lettres de Pline, le jeune**. Paris: Panckoucke, 1836. v.1. Ep.X.

Referências Bibliográficas

ANDO, Clifford . **Decline, fall and transformation**. IN *Journal of Late Antiquity* 1.1. (Spring), p. 31-60.

AUERBACH, Erich. **Literary, language and its public in Late Antiquity and Middle Ages**. New York: Pantheon Books, 1965.

BROX, Norbert. **Perfis do cristianismo em suas épocas mais primitivas**. *Concilium*, 67, 1971. p.825-839.

_____. **Historia de la Iglesia Primitiva**. Barcelona: Herder, 1986.

BROWN, Peter. **O fim do mundo antigo. De Marco Aurélio a Maomé**. Lisboa: Verbo, 1972.

_____. **Genèse de l'Antiquité Tardive**. Paris: Gallimard, 1984.

_____. **Authority and the Sacred. Aspects of the Christianisation of the Roman World.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CHAUVIN, Pierre. **Chronique des derniers païens.** Paris: Les Belles Lettres, 1990.

DANIÉLOU, Jean e MARROU, Henri Irenée. **Nova História da Igreja. Dos primórdios a São Gregório Magno.** 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DONINI, Ambrosio. **História do Cristianismo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofía. El cristianismo y la filosofía patristica. Primera escolástica.** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1975

GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **O imperador Teodósio e a cristianização do Império. Clássica.** Suplemento 1, 1992.

JAMESON, Frederick. *O pós-modernismo e a sociedade de consumo.* IN ANN KAPLAN, E. **O mal-estar no pós-modernismo. Teorias e práticas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

JONES, Arnold Hugh Martin. **Constantine and the conversion of Europe.** Toronto: Toronto University Press, 2003.

MAIER, Franz Georg. **Las transformaciones del mundo mediterráneo. Siglos III-VIII.** Madrid: Siglo XXI, 1972.

MACMULLEN, Ramsay. **Christianizing the Roman Empire. A.D. 100-400.** New Haven: London: Yale University Press, 1984.

MARCONE, Arnaldo. **A long Late Antiquity? Considerations on a controversial periodization.** IN Journal of Late Antiquity 1.1. (Spring), p. 4-19.

MARROU, Henri-Irenée. **Decadencia romana o Antigüedad Tardía.** Madrid: Rialp, 1980.

MERGERIE, B. **Introduction à histoire de l'exégèse.** Paris: Editions Du Cerf, 1980.

MODÉLAN, Yves. **L'Empire romain tardif. 235-395 ap. J.-C.** Paris: Ellipses, 2006.

O'DONNELL, James. **Late Antiquity; before and after.** IN *Transactions of the American Philological Association*, 2004. p. 203-213.

RÉMONDON, Roger. **La crise de l'Empire Romain.** 3^aed. Paris, Press Universitaires de France, 1997.

VEYNE, Paul. **Quand notre monde est devenu chrétien (312-394).** Paris: Éditions Albin Michel, 2007.

WIPSZYNCKA, Edmond. **Les ressources et les activités économiques des Églises en Égypte Du IV au VIII siècle.** Bruxelles: Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, 1972.